



JOGANDO O CARNAVAL

(Composição de Stuart).

II Série—N.º 418

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR, JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-
guezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1\$20 cent.

Semestre..... 2\$40 cent.

Ano..... 4\$80 cent. Numero avulso. 10 cent.

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8

Sabonete preparado
com os saes das Aguas

de **Vizella**

o melhor para a pelle



ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA

Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM POS-
FORO COMO O GAZ E TENHO UM
PODER ILUMINANTE DE 500 VE-
LAS, APENAS CONSUME UM LITRO
DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PE-
DIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, —
REIRA & C.ª — COIMBRA —
São-se representantes em todos os concelhos



O ALIMENTO IDEAL

dos velhos, dos anemicos, dos convalescentes,
dos exhaustos, é o

PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

O MAIS REQUINTADO DOS ALMOÇOS
O MAIS FODEROSO DOS RECONSTITUINTES

Aconselhado por todos os médicos aos que sahem do estomago

REMESSA GRATUITA
De uma caixa para experiencia

D posto: FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hispanha)
Mercearias, Pharmacias e Drogarias

**POUDRE
GERMANDRÉE**

Secret
de beauté

Peurembellir a cologne
lycéeu e de conceção
de discreto Parfum ideal

MIGNOT-BOUCHER Pa. Nuncio 10, Rue de la Paix, PARIS

**FRIO da
BELLEZA**

PÓS para embelezar a cutis.
PÓS em folhas adherentes em forma pratica
CREME para conservar e suavizar a pelle.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS
ELEGANTES DE PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
10 Rue de la Paix, Paris

Bordados **Lucerna**



diretamente da Suissa, franco de porte no
domicilio.

Vestidos
desde Fr. 11.80

Blusas
desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suíço, sobre cambraia,
voile, crêpon, toille e sobre sedas novidade.
Peçam a nossa collecção 22 de figurinos
novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas re-
mettemos os padrões cortados em todas as
medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS — EM —
— TODOS OS GENEROS
OFICINAS DA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
— Rua do Seculo, 43 — LISBOA —

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais per-
feito artigo de toilette, bran-
queia, perfuma e amacia a
pelle. Tira os cravos, pontos ne-
negros, borbulhas, cieiro, panno, veruelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescém os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.ª — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.ª — LISBOA



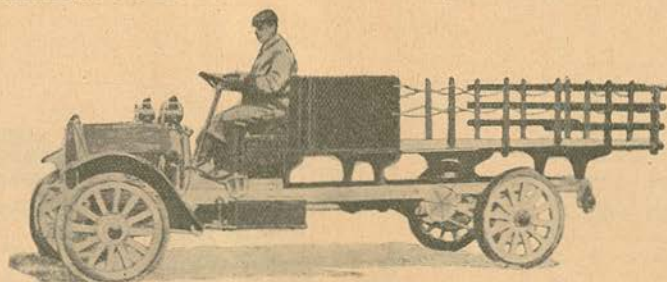
CAMION FEDERAL

MARCA AMERICANA

Rivalisando com os melhores **CAMIONS EUROPEUS**

4 CILINDROS 30 HP.

CARGA MAXIMA 2.000 KILOS



PREÇO COMPLETAMENTE EQUIPARADO COM CARROSSERIE-GALERA

Esc. 2.550\$00

REPRESENTANTES

EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

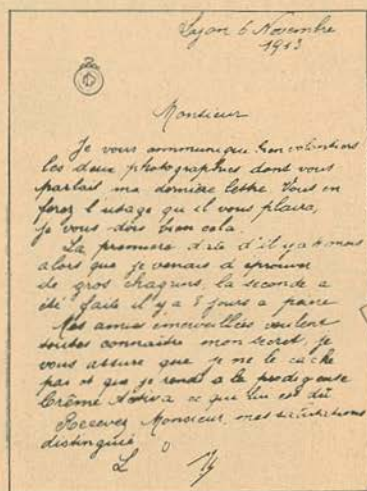
74 a 74-1—Rua 24 de Julho

LISBOA

TELE } FONE 1994
 } GRAMAS — SANTAMARO

O CRÉME "ACTIVA"

Radioactivo faz maravilhas



UMA DESCOBERTA NOTAVEL!

A ciencia ao serviço da beleza

M.^{me} Curie, com a sua genial descoberta do radio, Becquerel que encontrou a radio-atividade, os doutores Wictham e Degrais que foram os primeiros a empregar-o tão notavelmente no tratamento da epiderme, o professor Fournier que fez d'este tratamento um relatório que ficou celebre na Academia de Medicina de França, contribuíram todos com os seus notaveis trabalhos para a concepção d'um produto que seria poderosamente radioactivo, isto é, cujas qualidades seriam prodigiosas e que poderia, no entanto, ser empregado por toda a gente sem *nunca oferecer* o menor perigo. E foi assim que nasceu o

CRÉME ACTIVA

Ele dá instantaneamente á pele um lindo aveludado de aspecto inteiramente natural.

Ele garante d'uma maneira absoluta contra todos os efeitos do ar vivo, do frio ou da humidade.

Ele suprime rapidamente todas as taras da epiderme, o acne, pontos negros, sardas e vermelhidão.

Ele apaga pouco a pouco até ao completo desaparecimento: as rugas e todas as deformações da pele; as cicatrizes pouco profundas; os vestigios da maternidade.



O **Crème Activa** emprega-se da forma mais simples d'este mundo, como um cold-cream, como um creme de beleza qualquer. Mas os seus efeitos são muito mais serios e as esperanças que outr'ora pareciam mais insensatas são agora quasi sempre realizadas por meio do **CRÉME ACTIVA**.

Vende-se em boîtes grandes que duram para 4 mezes, de 2 escudos (2000 réis); e em boîtes pequenos, que duram para um mez, a 600 réis. Enviem-se na volta do correio a quem o pedir, acompanhando o pedido da sua importância em selos, vale do correio ou ordem postal. Também se envia á cobrança para todo o paiz.

Pedidos ao representante exclusivo para a venda em Portugal,

A. DE CARVALHO RUA IVENS, 31, 1.º
LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

23-2-1914

N.º 418

Carnaval

Todos os usos passam, todas as tradições se extinguem na digestão formidável dos povos e dos séculos. O Carnaval, reliquia dionisiaca do *cómos*, velho de tres mil anos, mantem-se e perdura. Porquê? Porque é a expressão viva de tudo quanto ha de essencialmente bárbaro e de fundamentalmente torpe na natureza humana. E' a descarga nervosa da fera. E' a



epilepsia da agressão e da sensualidade. Os esforços das sociedades modernas congregaram-se para fazer do Carnaval uma obra de arte. Nice, Veneza, Bruxelas respaldeceram ainda um momento; mas a tentativa falliu, o manto de Arlequim voltou a arrastar na lama, e o Entrudo do seculo xx continúa a ser, como o Entrudo dos velhos tempos, — a suspensão de todas as garantias dos bons costumes e da boa educação.

Arte da guerra

Dizem os ultimos telegramas que o engenheiro florentino Ulivi inventou um aparelho rádio-balístico que, pela ação convergente dos raios invisiveis ultra-vermelhos, incendeia a



polvora a uma enorme distancia. Semelhante descoberta, a verificar-se a sua utilização prática, produziria uma verdadeira revolução na arte da guerra. Os exercitos mais numerosos

seriam fulminados, em poucos minutos, pelos proprios explosivos que transportassem; os mais gigantescos couraçados voariam nos ares pela explosão dos seus paioes; a artilharia tornar-se-ia impossivel, por serem impossiveis as munições; as

guerras europeas voltariam, consequentemente, á arma branca e ao *corps-à-corps*; mer-

gulhariamos, d'um salto, na Edade-média, — e o illustre Krupp, archi-milionario fabricante de canhões na Alemanha, ferido pelo mais imprevisto e pelo mais assombroso *krach*, ficaria a pedir esmola...

Amnistia

A amnistia, sendo um acto de clemência, é uma expressão de força. Para ser nobre tem de revestir-se d'essa suprema beleza moral — que só provém da bondade. Os atos generosos deixam de o ser, desde que supõem restrições, condições ou reservas. Se é inoportuna a clemência, não se perdõe. Mas quando



se perdêa, — não ha meias absolvições nem meios esquecimentos. O notavel estadista que n'este momento preside aos destinos da nação, saberá conciliar todas as correntes politicas n'uma fórmula serena e justa. A generosidade é ainda a grande arma dos que se sentem fortes.

Industria do roubo

O animatógrafo é, entre nós como em toda a parte, uma universidade livre do crime. A literatura policial ingleza e norte-americana, vulgarizada pelos livreiros portugueses em edições baratas, tem ajudado

a cultivar e a adextrar o espirito inventivo do nosso gatuno. O novo *truc*, é o *truc* do relógio. Trata-se de saber se aquele pobre filistino que passa tem um relógio que valha a pena o incomodo de o roubar. Escalonam-se tres gatunos n'uma rua: o primeiro, para verificar a qualidade do cronómetro, pergunta ao transeunte as horas que são; o segundo, a um sinal do primeiro, agarra-o fortemente pelas costas; o terceiro, n'um

abrir e fechar d'olhos, com a dextreza d'um prestidigitador, tem a amabilidade de aliviá-lo do peso incomodo d'uma joia — que possui, afinal, a particularidade antipatica de marcar por minutos as horas de prazer e por segundos os instantes de aborrecimento. E' o principio da divisão do trabalho applicado á nobre industria do roubo. *Ça marche.*

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

JULIO DANTAS.



Ha mezes já que eu não viá nem sequer sabia do paradeiro de Luciano Vilaverde.

Todas as vezes que eu ia ao seu hotel era inválida e res-

posta: — Não está.

No seu atelier também ninguém o vira ou antes, no seu atelier ninguém entrara ha bastante tempo.

A princípio escrevia-lhe cartas, procurei-o, armei-lhe verdadeiras ciladas mas ele nunca se deixou agarrar e só ás minhas cartas respondia laconico, evasivo que andava concebendo uma grande obra, que desculpas, que depois seria...

Depois nem mesmo respondia... enfim desaparecera para todos e até para mim que era, que fui sempre o seu grande amigo.

Não teimei, pois. Conhecendo-lhe o seu feito exótico, intermitente, ora completamente descorajado, fraco, abandonando-se fragilmente a tudo e a todos, inconsistente, distraído; ora leonino, energico e pujante, suggestionante no olhar, no gesto, na frase; quasi que materializando a ideia num gesto amplo feito com o dedo polegar da mão direita muito revirado em espátula, gesto curvo com que ele rematava a sua ideia ao mesmo tempo que um olhar duro se fixava no infinito, cavando-lhe rugas na testa; ora ainda exaltado, destrambelhado, snob de originalidade, ideando abstrações, palrador despreocupado, blagueur gracioso e facil. Conhecendo-lhe em suma a sua complexa maneira de ser não teimei e, certo de que em breve ou nos daria uma obra ou nos appareceria caído, triste, desiludido, queixando-se da sua falta de talento, deixei de o procurar e de lhe escrever.

Mas desta vez a ausencia (o ataque de consécção) era mais demorado e começava ja a inquietar-me quando o telefone me chamou urgentemente ao Café Americano onde Luciano me esperava para me fazer importantissimas revelações — frase dèle.

Desci, pois, apressado aos boulevards e no Americano encontrei o pobre Luciano.

Como estava mudado! Palido, de olhar vago, ali encolhido, quasi que dobrado sobre si proprio esperava-me em frente dum calice de absinto puro.

Já por varias vezes o vira em ataques de abatimento e de descoragem, mas nunca o seu espirito fôra tão amarfanhado. Para mais a sua pele enchera-se de rugas e tomara uns tons baços e esverdeados e o seu olhar não era mortico como durante esses ataques; pelo contrario, um brilho desusado e extranho acendia-lhe a pupila negra e a ruga da idealisação cavava-se-lhe na ampla testa onde uns rolos de cabelo se emaranhavam convulsos.

— Que tens tu? — Perguntei-lhe puxando uma cadeira.

— Ah! Vieste... inda bem... inda bem que vieste — e apertava-me a mão nas suas qua suas mãos frias.

— Mas que tens tu? Voltei, ha tanto tempo sem appareceres, finalmente pedes-me que venha ter contigo e em vez de me dizeres triunfante que produziste alguma coisa de grande, mostras-te abatido, desiludido. Então foram necessarios cinco mezes para te convenceres que não estava, como tu dizes, a ideia bem madura? Cinco mezes em que te queimaste na furia de produzir sem resultado!? E's na verdade muito bizarro.

— Não, não! — exaltou-se violento — produzi, trabalhei, fiz uma obra finalmente, uma obra valiosa, queime, sim, queime a alma, queime o cerebro mas o calor desenvolvido alzei-o, introduzi-o na minha obra, tu verás, tu verás! — E rematou no seu gesto de espátula... — Dei vida, consegui dar movimento... assim!

— Mas não percebo... — interrompi.

— O quê? Porque eu estou assim amachucado e velho... isso é a revelação, a grande revelação, mas antes que t'a faça ouve-me e dá-me a tua palavra de que te não ris... Estou apaixonado.

— !!!!

O estado de Luciano era mais para temer agora, era verdadeiramente sério.

Tinha um andar oscilante.

O grande casáco de peles caía-lhe dos hombros em pérgas como se estivesse num cabide. O cabelo anelado e negro tinha méchas brancas a explodirem por entre os torvelinhos negros e agitava-se ao vento da noite que descia.

— Eu hei-de contar-te tudo... tudo... Amanhan jôgo a minha vida, amanha saberei! Amanhan! Môme-la-Sagesse ou Môme-l'Éfronterie... amanha saberei!..

E ficava-se a pensar, caminhando vagamente

— Explica-te homem!

— Depois saberás. Hoje é o começo. Vais vê-la, vais falar-lhe, vais ouvir a sua voz, ouvir aquela melodia sensual. Vais sentir o seu cheiro, o cheiro da sua carne luxuriante, vais vêr aqueles olhos, aquele olhar de brasa.

E tu que estás a sangue frio me dirás depois o que é aquilo... aquela mulher... Môme-la-Sage-ne ou Môme-l'Éfronterie. Hoje vais vê-la, depois contar-te-ei tudo e então te me julgarás... Mas Sagesse ou Éfronterie terei o mesmo fim, será sempre o meu carrasco, carrasco sim, não rias. Em qualquer dos casos eu desapareço. Mas antes isso que a duvida, a duvida que me martirisa, que é o inquisidor da minha alma, que m'a vae despedaçando lentamente, ferozmente, mas com uma persistencia implacavel.

— Estás doido — dizia-lhe.

— Doido, doido, completamente doido, tens razão e é a loucura que amanha acaba acabando comigo. Doido,.... doido....!!!

Depois do café seguimos lentamente, silenciosos, até á Place Blanche.

Entrámos no Moulin; era ai que eu ia vê-la. A

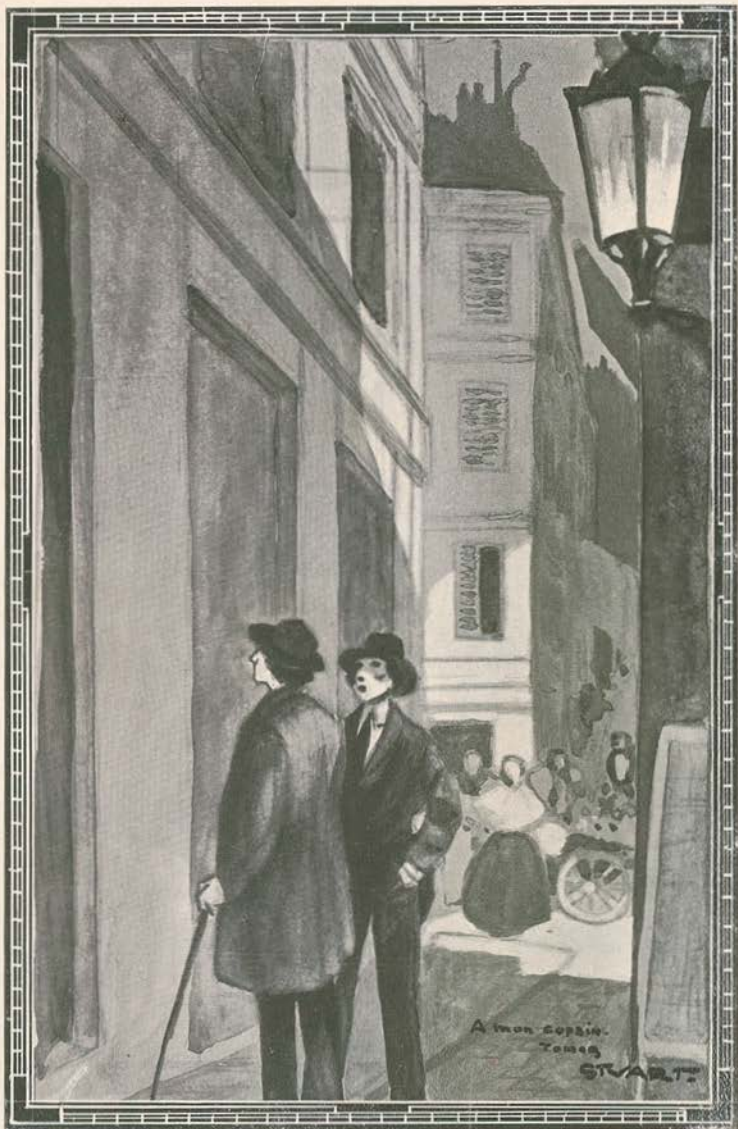
peça que se representava era qualquer coisa de fantástico e irreverente onde aparecia um bailado grego, um cortejo em que um Baco adolescente vinha escarranchado sobre um barril engrinaldado e ladeado de bacantes de busto inteiramente nu.

—E' aquela, a segunda da esquerda, vês? Repara bem.

e pelas costas até ás ancas largas e firmes.

Uma boca vermelha, sensual, uns olhos escuros de reflexos metalicos, um nariz delgado de asas vibrateis... Toda ela era um conjunto harmonico de curvas doces... enfim absolutamente bela.

A' saída esperámos por ela *Choppe Cyrano*. Pouco tardou.



Era alta, flexível, coleante; o torso nu era duma forma perfeita, inteiramente bela. O seio alto, bem modelado, balançava docemente a cada passo, a cada movimento de braços. O cabelo loiro caía-lhe voejante e fino sobre os hombros redondos, brancos e espalhava-se em chuva d'oiro pelo peito

Vinha de negro modestamente. Um casaco largo cobria-lhe as formas triunfais sem conseguir entretanto esconder absolutamente a flexibilidade gracil.

Um chapéu de feltro negro enterrado oprimia-lhe a grande cabeleira loira que explodia em tor-

velinhos d'oiro sobre a nuca e sobre a testa branca, alta, inteligente.

Quando falava a sua voz cantante, acentuadamente parisiense, tinha doçura desusada nas nassais em geral desagradáveis. Vocalisava macia e branda quasi num murmúrio.

O seu olhar profundo envolvia-nos doce, aveludado.

Era incontestavelmente um tipo de belêsa.

Chamava-se Jeanne mas pelo seu feiço, pela seriedade, e pela fama de grande honestidade quasi misteriosa, tinham-lhe posto a alcunha de *Môme-la-Sa-gasse*.

Luciano tremia, agitava-se a cada olhar, a cada frase, a cada movimento dela.

Fitava nela um olhar humilde e humido e as suas mãos convulsionavam-se em desejos violentos.

No dia seguinte pontual entrei no *atelier* de Luciano.

Sobre um estrado alto estava a grande escultura que Luciano me queria mostrar. Era a sua grande obra, como ele dizia; nela tinha posto toda a sua energia, todo o seu talento,

Uma mulher, Jeanne, contorcera-se sobre uma pele de urso branco. O seio esquerdo amachuca-se de encontro á cabeça do urso num abraço histerico do braço esquerdo e o resto do busto abandonado, lasso, caía para traz. A cabeça pendia suave. O cabelo enovelado abandonava-se confundindo-se com o pelo aveludado e basto da pele de urso.

No olhar cerrado havia lagrimas de desejos e a boca entreaberta tinha rubores de vicio na brancura do gesso.

Era uma obra a valer. A *Luxuria* de Luciano Vilaverde.

—Repara esta contorsão, dizia-me ele, foi ella que a sugeriu, este crispado de dedos, este movimento de vicio foi d'ella.

Ela poisou como quiz e deu isto que vês.

—E' um temperamento forte, disse eu.

—Sim, um temperamento. Durante as poses toda ella irradiava luxuria mas terminada a sessão retomava o seu ar misterioso de honestidade e nunca, nunca consentiu uma simples aproximação, um beijo, um contacto leve de pele, nunca!

Exaltei-me, disse-lhe tudo o que se pôde dizer quando amamos e ella ouvia alheia por vezes, outras escutava deleitada mas quando eu supunha tê-la vencido, ella como que despertando d'um sonho erguia-se, despedia-se singelamente e com o seu ar triste saía a porta e desaparecia ao longe.

Só uma vez olhou para traz e esse olhar que nunca me esquece era cheio de promessas mas... mais nada.

No teatro todos lhe chamam *Môme-la-Sagasse* e ninguém sabe quem é nem onde mora. Sabe-se unicamente que tem transitado por *ateliers* de ar-

tistas e por palcos onde se exhibe o nu; mas por toda a parte conservou sempre a sua fama de honestidade e confirmou sempre a sua alcunha.

A principio duvidei, tive ciúmes, ciúmes doidos, ferozes, de todos, de tudo e hoje esse ciúme cristalizou numa dôr concentrada, muda, intensa, que me despedaçava, que me envelhece dia a dia, hora a hora, minuto a minuto.

E duvido, duvido sempre, e essa duvida é atrás, horrível.

Se ella é verdadeiramente *Môme-la-Sagasse* eu soffrerei, pois não quero que ella deixe de o ser e eu não posso pelo meu temperamento tê-la sempre para mim.

Se ella é *Môme-l'Éfronterie* soffrerei, pois ella mentiu, mentiu-me a mim que a amo como ninguém.

Em qualquer dos casos soffrerei e esgotado como estou não posso continuar assim.

Tu és o meu amigo, o meu unico amigo, por isso te escolhi.

Tu vais comigo a casa d'ella e então tu me farás vêr o que a minha exaltação me encobrirá.

Morava para os lados da Chapelle n'uma rua estreita e humida.

A porteira não queria deixar-nos subir mas a troco de cinco francos abandonou a escada.

Quando entrámos Jeanne ficou hirta de pasmo e custo perguntou o que queriamos.

—Quero saber a verdade, atalhou o meu pobre amigo, a grande verdade; quero despedaçar esse veu de misterio que a envolve, quero para meu descanço saber por que, apesar de me amar, como eu tenho a certeza que me ama, nunca, nunca accitou o amor que eu lhe propunha, amor enorme, casto como não haverá outro.

—Quer saber tudo, respondeu Jeanne dolorosamente.

Pois bem oiça-me e veja.

Chamou duas criancitas lindas e disse: São minhas irmãs, sou eu a unica pessoa que ficou duma familia de alcoolicos. Se não fôr eu ellas não podem viver e se eu continuasse como costureira não poderia dar-lhes o conforto que ellas necessitam.

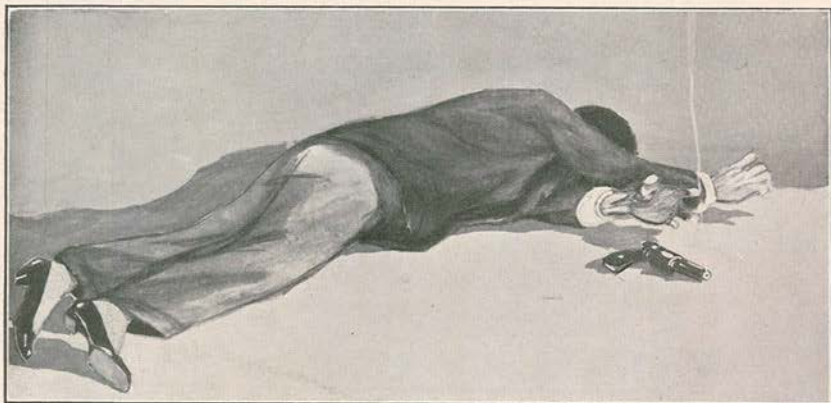
Sou modelo; felizmente tenho um belo corpo e é exactamente este corpo que eu quero conservar.

Se eu me desse, se eu não resistisse contra mim propria, o meu corpo murcharia pouco a pouco e depois... o que havia de ser das pequenitas?

Não posso, não devo amar ninguém. Aqui têm a verdade; pensem o que quizerem; e apontou-nos a porta docemente, lentamente.

—Amo-te, amo-te, vem, creio-te exaltou-se Luciano, correndo de braços abertos e mãos crispadas; vem, vem; amo-te... e ao gesto negativo de Jeanne tirou violento dum revolver e rapidamente sem nos dar tempo disparou-o no ouvido direito.

Tom.



O novo governador civil de Lisboa

O governo presidido pelo sr. dr. Bernardino Machado começou a substituição dos governadores civis pelo de Lisboa, lugar de difícil exercício sobretudo n'este periodo dos primeiros anos do novo regimen.

Não podia, porém, o chefe do governo ter feito mais bela nomeação que a do sr. dr. Cassiano Neves escolhido para um cargo da maior responsabilidade o qual ha de ocupar com todo o zelo, com toda a intelligencia e com todo o cuidado de imparcialidade que são as suas normas de sempre.

O sr. dr. Cassiano Neves foi um dos adversarios do governo de João Franco, estando n'esse tempo ao lado dos dissidentes mas isentando-se logo de qualquer politica mal a Republica se proclamou. E' puramente um extra-partidario como convinha para exercer esse cargo na actualidade.

Medico distintissimo, espirito altamente culto, dedicado á ciencia como ás belas artes, sendo um refinado apreciador da litteratura e um estudioso, o dr. Cassiano Neves é na acepção pura da palavra um caracter reto, um verdadeiro homem honrado ao qual a cidade de Lisboa foi muito bem entregue.

A capital muito terá a lucrar por todos os motivos com a acertadissima escolha do espirito culto que com a maior imparcialidade vae zelar pelos seus interesses em quanto um governo partidario não ocupar as cadeiras do poder.

A posse do novo governador civil foi dada pelo sr. dr. Sobral Cid ministro da instrucção, que enalteceu as brilhantes qualidades do nomeado diante dos officiaes da policia e dos juizes de investigação criminal e mais pessoal superior do governo civil que o sr. dr. Cassiano Neves vae dirigir.



Sr. dr. Cassiano Neves



A posse do novo governador civil de Lisboa que foi dada pelo sr. ministro da Instrucção estando presentes o governador civil substituto sr. dr. João Tudela comandante da Guarda Republicana, comandante e officiaes de policia. (Cliché de Benolle)



TEATROS

TEATRO DA REPUBLICA

A Mulher do Juiz

La *Presidente*, de Hennequin e Weber; que o sr. André Brun traduziu para o teatro da Republica com o título *A Mulher do Juiz*, é a anedota já velha e repisada de todos os tons vaudevillescos, das aventuras da *cocotte* que se introduz n'uma casa pacata e dá largas lá dentro ás suas diabruras d'alcova! O *qui-pro-quo*, que é a base d'este teatro malicioso e movimentado, é conduzido em *La Presidente* com uma admirável prodigalidade de efeitos comicos, de imprevisto, de graça esufiante e de fantasia. A ação é rápida, engenhosamente preparada, e tem a colorir-lha traços deliciosos de observação e de caricatura. O 2.º acto, passado no gabinete d'um ministro, é interessantissimo de espirito e de malicia. O genero de *La Presidente*, da *Lagartixa*, etc., não tem já novidades — mas a originalidade e o interesse estão no desenvolvimento da intriga, na alegria e vivacidade das situações e das figuras. Hennequin e Weber são mestres na tecnica d'estas peças de espirito, requintada e satanicamente parisienses — e *La Presidente* veiu para o palco do teatro da Republica, coroada por um exito de gargalhada e de bilheteira que se pode dizer mundial.

Na sua triunfal carreira desde Paris até Lisboa, *La Presidente* atenuou bastante as suas libertinagens. O sr. André Brun, com muita felicidade, poliu-a, contrariou-lhe algumas das suas mais audazes escabrosidades e, sem nada lhe fazer perder de graça, de elegancia e de imaginação, sem lhe tirar o seu perfume de vicio, mas adoçando-o apenas, deu-nos uma *Mulher do Juiz* que está divertindo e ha de divertir largamente, sem ofensa mo-

TEATRO AVENIDA

Helda

Helda? Talvez fôsse melhor intitular esta peça *«Palмира Bastos»*, — de tal forma esses tres atos frivolos vivem do encanto artistico que lhes dá a figura da nossa primeira atriz de opereta que é tambem, sempre que o quer ser, uma das nossas primeiras, entre as maiores, atrizes de comedia. A sr.ª D. Palmira Bastos está evidentemente no apogeu da sua carreira teatral; dispõe largamente do favor do publico e pode orgulhar-se d'este facto, entre nós muito raro, de ser, com o seu nome e com a sua colaboração, um elemento precioso de triunfo em qualquer peça, sobretudo no genero em que atualmente trabalha. *A Helda* deve-lhe o que é, ali no palco do Avenida. O seu trabalho no 2.º acto é, sobretudo, um primor.

Ao lado da sr.ª D. Palmira Bastos, o sr. José Ricardo faz prodigios de excentricidade e de graça e uma habil *mise-en-scène* completa as razões do successo que esta opereta alemã obteve no teatro que o sr. Luiz Galhardo dirige, qual D. Cesar de Bazan...

TEATRO POLITEAMA

Manobras de Outono

Uma linda e abundante musica, um gracioso *travesti*, muitas fardas de militares, uma anedota de amor — tal é as *Manobras de Outono*, que se ouvem agradavelmente no teatro Politeama. A sr.ª D. Magda Arruda é pretendida pelas encantos d'um cadete na pessoa da sr.ª D. Cremilda d'Oliveira e pelos transportes liricos do tenor Garcia.



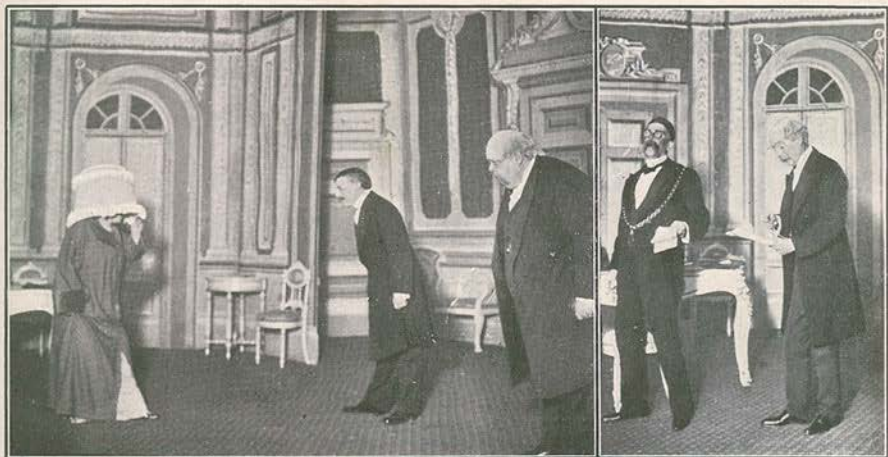
No Republica: «A mulher do Juiz», traduzida por André Brun e que se está representando com grande successo. 1. Os actores Rafael Marques, Augusto Rosa, atriz Luz Veloso. 2. Brazão, atrizes Barbara, Luz Veloso e Chaby.

ral de maior, toda a Lisboa que ainda não perdeu a virtude de saber rir.

No fundo da peça passam tres deliciosas caricaturas que Eduardo Brazão, Augusto Rosa e Ferreira da Silva coloriram maravilhosamente.

A sr. D. Magda inclina-se para os transportes do tenor. Nós, no caso d'ela, não seriamos da mesma opinião. Sem desfazer.

A. de C.



«A mulher do juiz» em cena no Republica: A atriz Emilia d'Oliveira, e os actores Henrique Alves e Chaby.
2. Os actores Eduardo Brazão e Ferreira da Silva. (Clichés de Benollet)



«Helda» em cena no teatro Avenida: A atriz Litali, ator S. Ribeiro, a distinta atriz Palmira Bastos e o ator José Ricardo



Os principais interpretes das «Manobras do Outono» no Politeama: 1. Atriz Magda, ator A. Garcia e a atriz Crêmilda.



LÉMAN

Quem é que junto a ti não emudece,
O' formoso Léman d'aguas serenas?!
Quantos males profundos, quantas penas
Tu has feito esquecer a quem padece!

Tantas frases d'amor, tanta paixão
Saudoso guardas no teu grande seio!...
Tantas canções inspiras, tanto anseio
Em ti guardando vaes—no coração!...

E's um espelho imenso. Em ti retratas
Altas serras, o sol, frondosas matas
E os alvos cisnes — sobre ti vogando.

Nas tuas aguas põe a Lua a face...
E tu, Léman. (eterno Lovelace!)
Doido, á luz do luar, vae-la beijando...

Lausanne, 1913.

ALVARO PINHEIRO.

A Ilha de S. Miguel



Vista geral da Lagoa das Sete Cidades.

A Ilha de S. Miguel não é só a maior; é também a mais rica, a mais formosa e mais adiantada dos Açores. Todas elas possuem deslumbrantes belezas naturais, mas em nenhuma outra a arte se lhes junta de uma forma tão inteligente e elevada, como em nenhuma outra se aproveita a terra até ao último palmo.

Quando a costeamos pelo sul, desde a Ponta do Nordeste até Ponta Delgada, temos a ilusão de que é um continente que se desdobra aos nossos olhos pela sua extensão e pelas importantes povoações que descem por encostas fertilíssimas até à orla espumante do mar. Ninguém a conheceria hoje pelas antigas descrições. O espinhaço que lhe corre ao meio,



«Chalet» da agua azeda. Especialidade de banhos para doenças de pele.



A cidade de Ponta Delgada.

as ranhuras e cavidades abertas pelas torrentes e pelos vulcões, as asperezas angulosas do seu contorno rochoso perderam a nudez pavorosa dos primeiros tempos da sua colonização.

O solo de toda a ilha está rigorosa e avidamente aproveitado. Sobre as próprias penedias da leira-mar, aonde, de bordo, se nos afigura impossível o acesso da ação do homem, verdejam canaviaes em pequenos tapigos retangulares protegendo a vinha e outras



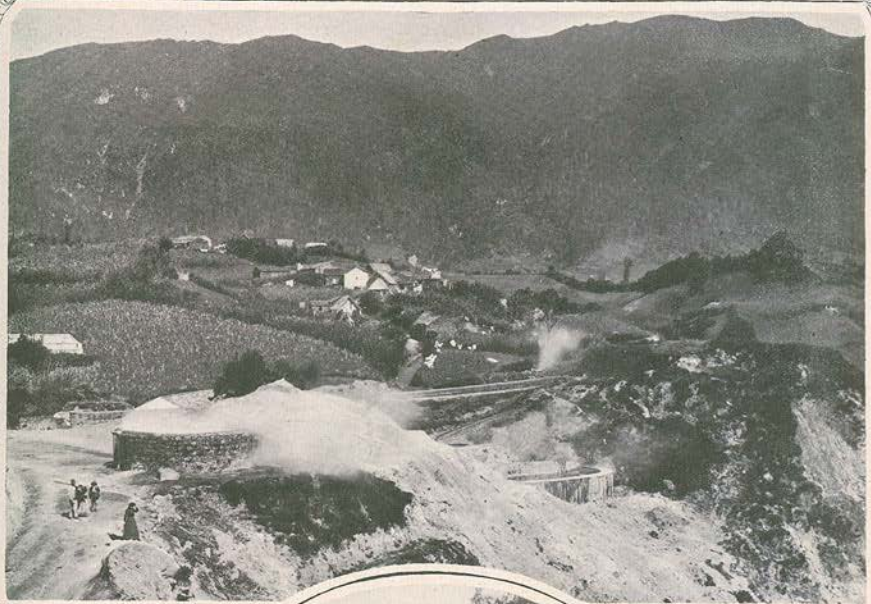
Uma estufa d'ananazes

culturas das borrifadas crestantes do oceano. Não ha a menor nesga por cultivar, embora S. Miguel seja a ilha açoriana em que a propriedade está menos dividida.

E' admiravel o contraste que fazem as povoações, que avistamos, com as suas casas brancas, enquadradas n'aquela extensa massa de verdura, algumas d'elas, como Vila Franca do Campo, não tendo que invejar a muitas das nossas cidades. Os olhos fixam-se extasiados em Ponta Delgada, que é,



Porto de Ponta Delgada.



sem duvida, a terceira cidade de Portugal continental e insular, estendendo-se n'uma superficie de alguns kilometros de terreno levemente acidentado, ao fundo de uma larga enseada com um porto magnifico. Por cima da casaria sobresaem de longe os campanarios das egrejas, as chaminés das fabricas e as comas de palmeiras soberbas.

Os jardins de Ponta Delgada parecem uma obra feerica, em que a natureza e a arte exgotaram ao desafio os seus poderosos recursos em grutas, alamedas, cascatas, tuncéis, etc, e em magnificas especies vegetaes, que representam todos os climas n'aquelle estranho conjunto de côres, de fôrmas e de aromas.

A cidade primitiva é pesada e triste. O micaelense, apesar de homem moderno, despretençioso e de uma atividade britanica, é um conservador intransigente das grandezas do passado. Tem um respeito religioso pelos seus velhos solares, que aliás são da mais lidima aristocracia. Mas a cidade nova é um encanto de gosto moderno, de alegria, de desafigo. Para qualquer lado por onde fujamos dos velhos casarões,

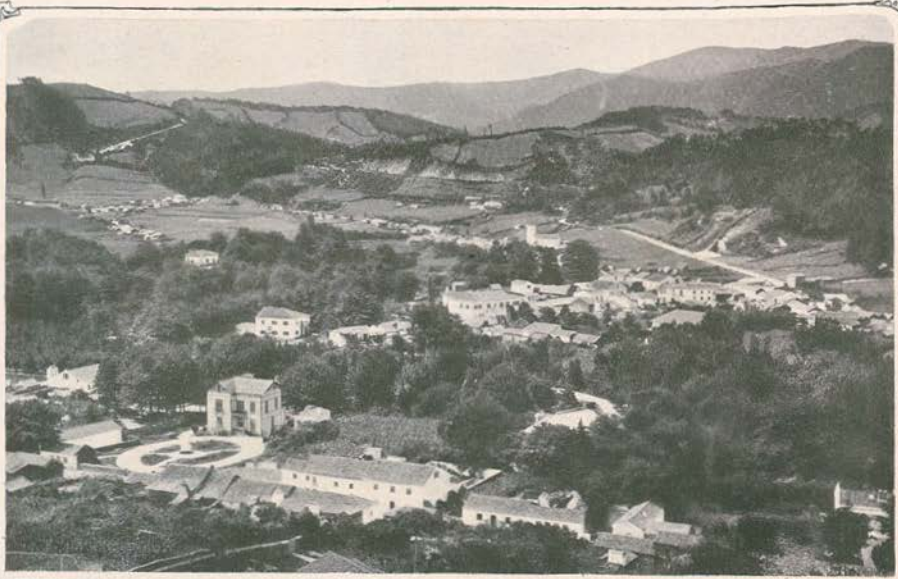


1. Galdeiras das Furnas
2. Parque do jardim das Furnas.

as pupilas dilatam-se como se voltassemos de um pesadelo, sob uma meia luz vaporosa, coada por entre os flocos de algodão cardado que cobrem o céu. O ambiente aromatiza-se voluptuosamente das emanações dos jardins, quintas que cingem Ponta Delgada n'um formoso colar de flores e de verdura.

Nunca me ha de esquecer o indescritivel caminho de Belem, a região das estufas de ananazes, nem os minutos que repousei junto da egrejinha da Mãe de Deus, d'onde se abarca todo o magestoso panorama da cidade, os seus arredores e o seu porto. E ainda menos esquecerei as Furnas e a estrada

que lá nos leya, por entre os campos cultivados como se fossem jardins e os curiosos vestigios vulcanicos que por eles abundam. O lavrador micaelense como o trabalhador rural são os mais habeis de todos os Açôres. As outras ilhas vão mesmo ali buscal-os, e na America do Norte gozam tambem de particular apreço. O que aquella gente faz da terra é pasmoso. A S. Miguel não se adaptam mais culturas estranhas, porque não ha mais terra,



Vale das Furnas.

e a que existe nem um mez do ano está em repouso. Tão depressa se faz uma colheita, revolve-se logo o chão para receber nova semente ou novas plantas.

As Furnas! Que deliciosa estância termal a

das Furnas! Reunem elas a quinta essencia das belezas dos Açores, como n'elas se reúne de verão a sociedade elegante de S. Miguel, que ali fez construir muitas vivendas. Não ha estrangeiro que vá aos Açores que não visite as Furnas.



Jardim do sr. marquez da Prala e Monforte nas Furnas

Creio mesmo que muitos vão lá só para vel-as, e merece a pena. Não ha outra paisagem tão assombrosa no acidentado pitoresco das encostas de um vale enorme, nos tons variadissimos da verdura, nos efeitos fantasticos de luz, tão depressa ferindo em cheio esse inimitavel quadro, como adoçada pelas nuvens que, em farrapos ou em massas plumbeas, nunca desaparecem dos ceus dos Açores, mesmo em pleno verão.

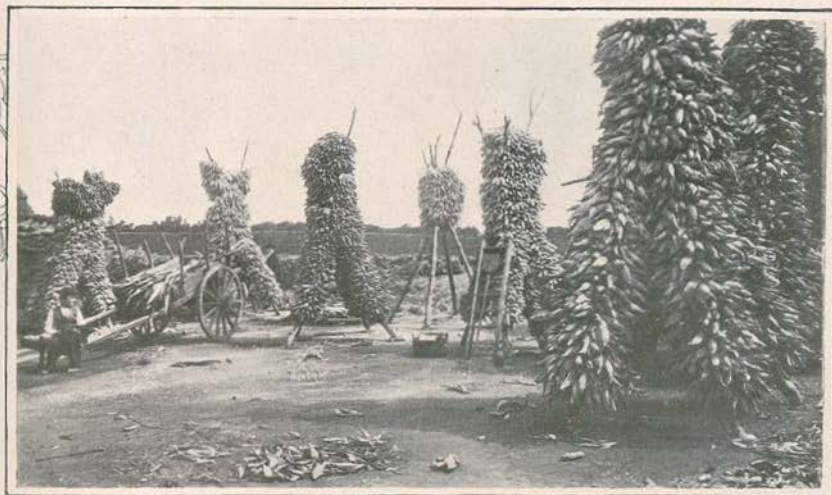
A agua irrompe por toda a parte; por toda a parte se vê a terra fumegar do liquido que lhe ferve nas entranhas, um fumo branco, enovelado, que fica por muito tempo a flutuar molemente n'uma atmosfera quieta, como o recolhimento misterioso da grande cratera extinta das Furnas. As caldeiras e lagoas, que se vêem á direita, não são menos admiraveis e caracteristicas de fauces plutonicas, que n'outras eras golfaram medonhamente as visceras abraçadas da terra e hoje se escancaram passivamente para receber as aguas da chuva e das fontes que vão lá parar, orladas de uma natureza encantadora.

Não ha nada mais belo !

A. M. F.



Senhoras de capote e capelo.



Toldas de milho.—(«Clichés» do distinto fotografo A. J. Raposo, gentilmente cedidos pelo illustre açoriano sr. Duarte Bruno)

A Misericórdia de Santarem



A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santarem foi fundada no ano de 1502, e a sua primeira séde foi no edificio do Hospital de Jesus Cristo.

Duraram as obras 55 anos, tão poucos eram os seus recursos. Esteve a Irmandade no edificio do hospital 114 anos. Primitivamente a casa do despacho, como então se chamava, e hoje das sessões, em parte do local onde está a sacristia do seu magestoso templo, era pequena; de ha muito isto se reconhecía e aspirava por uma outra maior e de melhores condições; este desejo, pois, se levou a efeito no ano economico de 1628 a 1629.

E' uma sala de boas proporções, de muita luz, aparatosa; é guarne-



2. Mausoleu do grande João Afonso de Santarem, o fundador em 1426, do hospital de Jesus Cristo desde 1608 entregue á administração da Misericórdia de Santarem.



cida até á altura de 1^m, 40 de bom e bonito azulejo coevo do edificio, pintura de bem delineados arabescos em verde, como servindo de campo de ornato a medalhões em azul representando, cada um, uma das obras de misericórdia; o todo do desenho é guarnecido com uma larga e bem proporcionada cinta de bom gosto em roxo claro com toques em verde.

O aperfeiçoamento d'esta sala correu agora sob a direcção da actual Mesa de que fazem parte os srs. F. de Sá Nogueira, provedor; J. T. Duarte Coelho, secretario; J. C. H. de Carvalho, tesoureiro e vogaes dr. J. de P. de Souza Canavarro, J. S. de Carvalho, conego Antonio de Carvalho e padre Miguel Joaquim do Souto.



1. Conego sr. Joaquim de Duarte Dias, antigo cartorario da Misericórdia de Santarem.—(«Cliché» da Fotografia Sequeira).—
3. Sr. Faustino da Palva de Sá Nogueira, actual provedor da Misericórdia de Santarem.—(«Cliché» da Fotografia Sequeira).—
4. sala das sessões da Misericórdia de Santarem

Furlana

Diante da celebração que o tango levantou a ponto de reis, e ministros da guerra o terem interdito aos exercitos e dos cardeaes e bispos o terem proibido aos catolicos, o papa, sempre conciliador, desejou ver se realmente a dança argentina adorada pela Europa era tão pecaminosa como o seu clero afirmava. Chamou dois jovens da aristocracia pontifical, irmão e irmã, e pediu-lhes que dançassem o tango á sua vista.

Parece que Sua Santidade concor-



1. Um passo da «Furlana». 2. S. S. o Papa Pio X.

dou com os seus prelados e então, com a suavidade de quem ordena pedindo, falou de uma dança veneziana que devia ser adotada: a *furlana*.

Quando patriarcha de Veneza virava dançar ao povo e achara-a linda. De resto a dança tinha tradições. Se os gondoleiros de Frioul d'ahi o seu nome de *friulana* a dançavam também o patriarcado a puzera em moda. Um creado do papa dançou então esses passos harmoniosos.

D'ahi a pouco os dois aristocratas sabiam-nos.

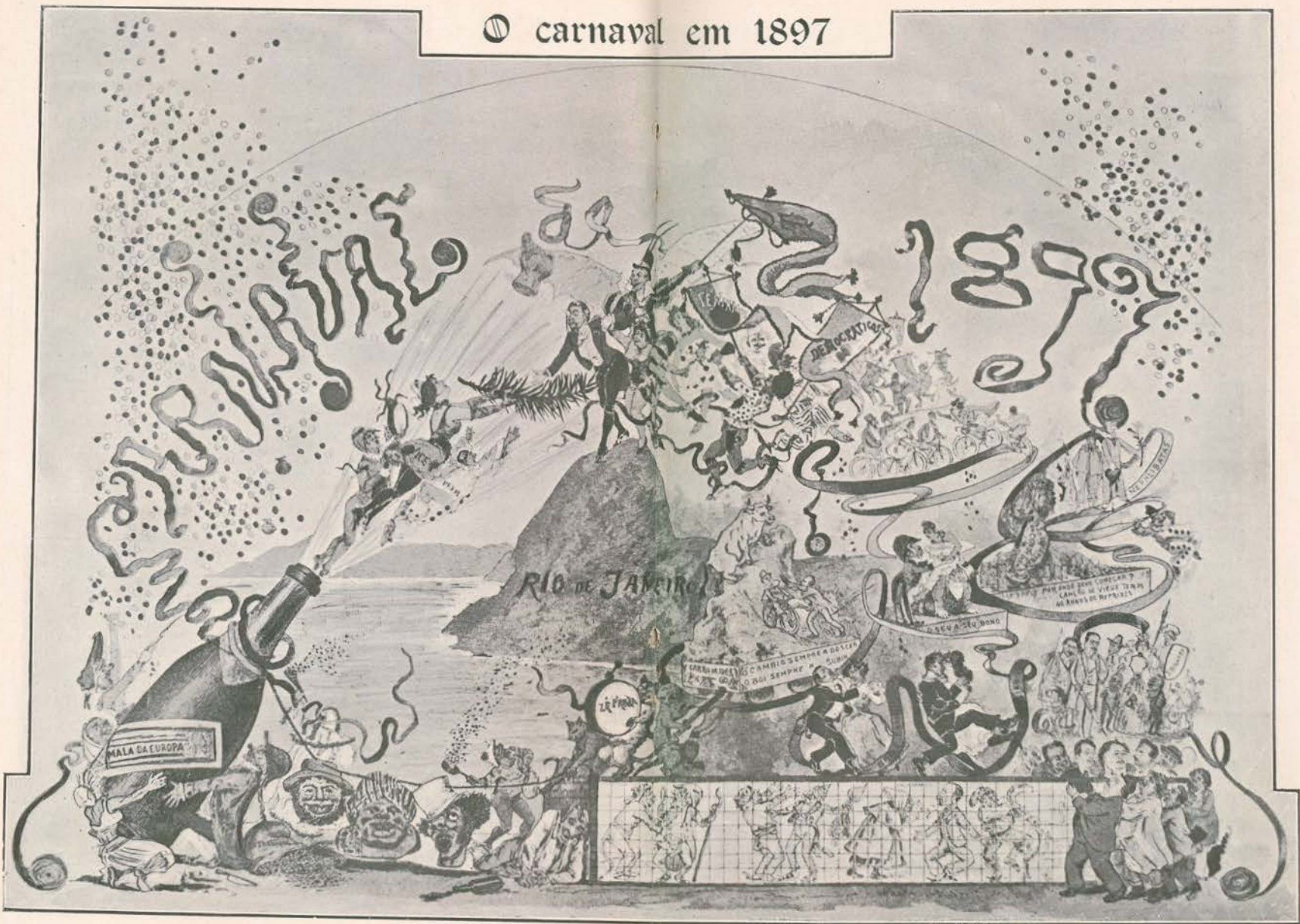
A *furlana* estava lançada com a benção papal embora do intimo da consciencia mais agrade o tango á sociedade.

Basta ser o fruto proibido.



Outro gracioso passo da «Furlana»

○ carnaval em 1897



Desenho de Rafael Bordato para a «Mala da Europa» e cromolitografado na Empresa Nacional Editora. (Pertencente à magalhã coleção do distinto escritor sr. Cruz Magalhães)

Figuras e Factos



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente do conselho á entrada do parlamento.
2. O sr. dr. Sobral Cid, ministro da Instrução.

O novo ministerio apresentou-se ao parlamento expondo o programa de concessão d'uma amnistia na qual serão excetuados os chefes dos *complots* que ficarão banidos do paiz por algum tempo, prometendo rever a lei da separação e pro-

ceder ás eleições. Estas medidas de caracter constitucional foram aceites pelos partidos nas duas casas do parlamento. O sr. dr. Bernardino Machado transmitiu tambem ás chancelarias as vistas e intenções do gabinete da sua presidencia.



O ministerio na sua bancada: Da direita para a esquerda srs. dr. Bernardino Machado, Manuel Monteiro, Tomaz Cabreira, Pereira d'Éca, Augusto Neuparth, Aquiles Gonçalves, Lisboa de Lima e Sobral Cid.—(Clíchés de Benolleil)



Os alunos do curso d'engenharia do Instituto Superior Technico visitaram as oficinas do caminho de ferro do Barreiro assistindo a varios trabalhos e experiencias sendo acompanhados na sua visita pelo engenheiro sr. Carlos Santos.



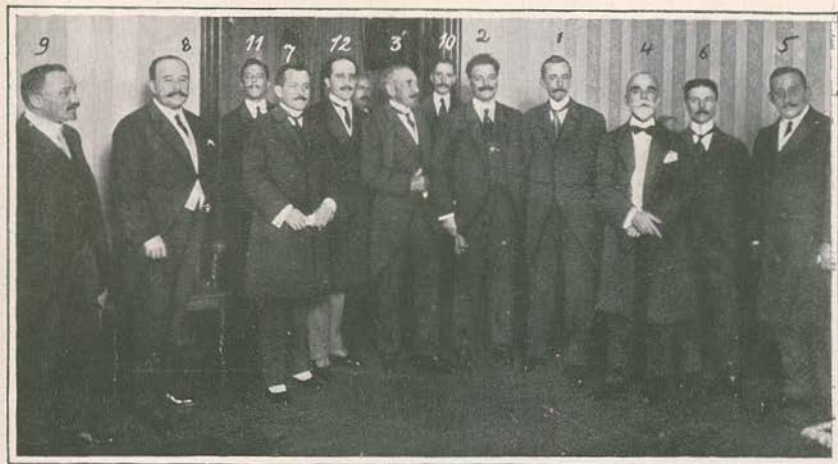
1. A visita dos alunos do Instituto Superior Technico ás oficinas do caminho de ferro do Barreiro.—2. Sr. Manuel de Freitas, antigo gerente da Fabrica de Vidros da rua das Galvotas falecido em Lisboa.—3. Sr. Primo Pinto Soromenho, falecido em Setubal.

Raul Brandão, o illustre autor de tantos belos trabalhos cheios de pessoalismo, foi procurar nos arquivos a base d'um ramo literario que o tentou agora. O delicado artista deuse á erudição. Ha tempos annunciou um livro sobre Junot e recentemente acaba de publicar documentos vivamente esclarecedores sobre a figura heroica e desditosa d'um dos mais illustres generaes portuguezes: Gomes Freire. Foi uma verdadeira luz nova que esclareceu as sombras do drama da conspiração de 1817 essa obra que tem uma real importancia, não só pela sua documenta-



Sr. Raul Brandão

ção, mas pelos acertados comentarios de que o autor o acompanha. Desde a primeira campanha á peregrinação heroica pela Europa com a legião lusitana até ao seu regresso á patria onde o povo o olhava como uma esperanza e os governantes como um perturbador, o general aparece em definitivo para a historia que tanto dissera sobre a sua ignominiosa morte na forca e tão pouco sobre a sua acidentada vida ao lado d'essa encantadora alma de Matilde de Melo que o illustre escritor com aqueles documentos nos veiu revelar.



Na primeira recepção da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro: 1. Srs. drs. Lauro Muller, ministro do exterior do Brazil.—2. Sr. dr. Revadavia Correia, ministro da fazenda do Brazil.—3. Sr. dr. Regis d'Oliveira, sub-secretario de Estado.—4. Sr. dr. Bernardino Machado, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro.—5. Sr. dr. Barros Moreira, introdutor diplomatico.—6. Sr. dr. Valadares chefe da policia.—7. Encarregado dos negocios da Argentina.—8. Ministro do Chile.—9. Encarregado de Negocios da Suissa.—10. Sr. Ferreira d'Almeida, 1.º secretario da embaixada de Portugal.—11. Sr. Agnelo Pessoa, 2.º secretario da embaixada de Portugal.—12. Secretario da legação da Argentina

TIMOR



1.º tenente sr. Filomeno da Camara, governador de Timor.

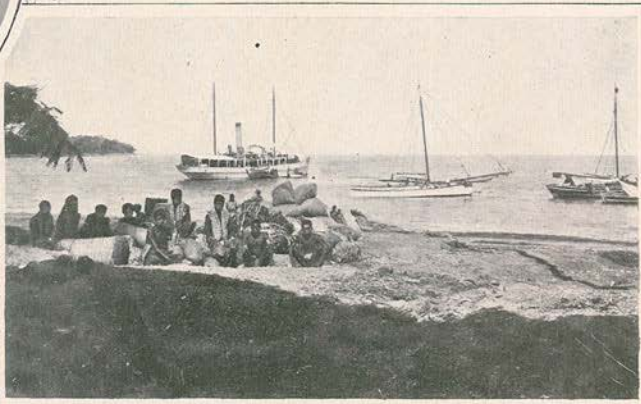
grande desenvolvimen-
to.

Em todas as localidades ha mercados uma vez por semana onde os indigenas vão vender os seus produtos; todas elas estão ligadas por uma rede telefonica e por uma rede de caminhos e estradas por onde se faz todo o transito.

No interior da ilha, coberta de montanhas sulcadas por profundas ravinas, os caminhos são de difficil conservação na época das chuvas torrencias; mas nos terrenos mais planos ha estradas por onde passam carros

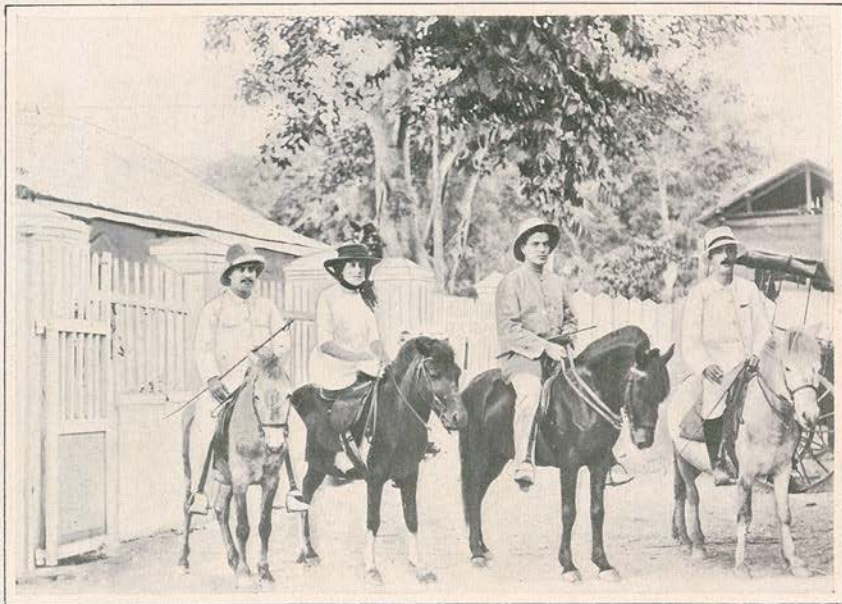
Desde o advento da Republica que Timor está tomando um desenvolvimento digno de registo para o que muito tem conccorrido os esforços do actual governador sr. Filomeno da Camara.

A sua capital é Dilly e tem a provincia localidades importantes como Bancau, Manatuto, Liquiçá, Batugadé e outras mais em via de



Embarque de café em Liquiçá

para transporte de pessoase e carga. Pelos caminhos do interior todo o serviço de carga é feito por



Um grupo de cavaleiros: Dr. José Pereira d'Azevedo, Madame Vaz, Alvaro Vaz e alferes Lucillo Rebelo

caballos e carregadores indigenas.

Vae, antes do fim d'este ano, comecar-se a construcção d'um caminho de ferro, cujo orgamento já foi aprovado, para ligar a região mais desenvolvida da ilha com o porto de Dilly.

A principal riqueza da ilha é café e copra havendo no entanto exportação de outros productos agricolas como cacau, sandalo, etc. Estes productos vão do interior da ilha aos portos mais proximos e d'aqui para o porto principal de Dilly por meio de lanchas ou d'um vapor costeiro.

Duas companhias estrangeiras teem pesquisado o petroleo com algum resultado.

O magnifico clima de Timor apesar da sua situação equatorial torna a nossa possessão



Pescadores Indigenas



Um grupo d'Europeus. Da esquerda para a direita: Sentados alferes Luiz Franco, madame Vaz, dr. João Bizarro e dr. José Perelra d'Azevedo. Em pé: Srs. Cesar Rocha Abreu, Amaral, Juan Fernandez, Alvaro Vaz, Augusto Granado, Sander, Alferes Lucillo Rebelo e Cupper.

uma das mais aptas para a sua colonisação e desenvolvimento. A sua esplendida agua é em Dilly encanada para quasi todas as habitações de europeus.

Na sua vida economica não sofreu muito a provincia com a grande revolta de Dezembro de 1911 apesar da guerra que a su-

focou ter durado nove mezes. O periodo de fome que os povos das regiões, focos da revolta, sentiram após a guerra foi debelado por varias medidas de muito criterio e pelo fornecimento gratuito de milho aos mesmos povos que o Governador da Provincia mandou fazer por intermedio da Repartição do Fomento Agricola e dos dois comandos militares a que essas regiões pertenciam.



Uma estrada do interior de Timor: No primeiro plano o agricultor sr. Rocha Carvalho

O ensino primario em Portugal



Trabalhos praticos d'agricultura.

Com o advento da Republica, o ensino em Portugal tomou extraordinario incremento, desenhando-se de velhas praxes e antigas formulas, desenvolvendo-se e modernisando-se pela adaptacao dos novos processos pedagogicos que lá fóra norteiam todas as escolas, e que visam a crear gerações conscientes, ativas, empreendedoras, aptas para a luta da existencia e capazes, por conseguinte, de encarar a vida serenamente, sem receio das eventualidades multiplas e constantes que atravez d'ela surgem.

Peias nossas escolas perpassou uma aragem fresca de renovação, depurando de inveterados vicios e erros o cerebro dos professores, e ás creanças—a juventude de amanhã, os ho-

do sentimento moral no espirito rudimentar das camadas infantis.

Depois curou-se afincadamente do lado higienico da escola—a limpeza, o acao, a luz e o



Trabalhos praticos d'agricultura



Uma lição de botanica

ar das construções, os jardins para recreio, os jogos, a ginastica — tudo emfim que póde gerar na criança o gosto pelo estudo, despertar n'ela o sen-



Na hora da lição

tido da realidade, incutir-lhe animo e coragem para entrar com decisão na senda da vida—o corpo forte e robusto e a alma limpa de preconceitos.

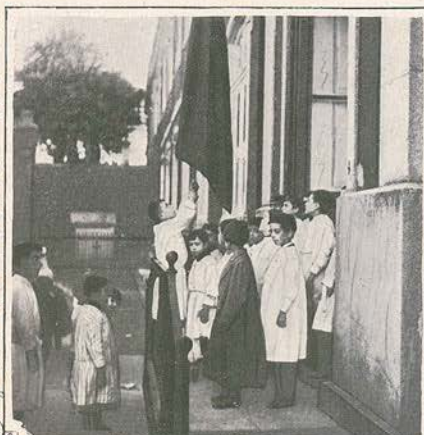
É claro que isto, em muitos pontos do país, é ainda um ideal a atingir, uma aspiração a efetivar. Mas a nova lei de instrução primária tem encontrado já, por muitas partes, interpretes inteligentes, cooperadores dedicados, que o melhor do seu esforço, do seu talento e da sua boa vontade tem empregado em converter em obras o plano generoso e patriótico esboçado pelo legislador.

Citaremos hoje, como uma das casas de ensino do país verdadeiramente modelares, as Escolas Normaes do Porto, cujas escolas anexas, mercê da arrojada iniciativa do seu diretor, o sr. Henrique de Sant'Ana, nada deixam a desejar no que diz respeito a processos pedagogicos, a material escolar, a higienisação, etc.

No mesmo edificio, que é amplo, de cons-

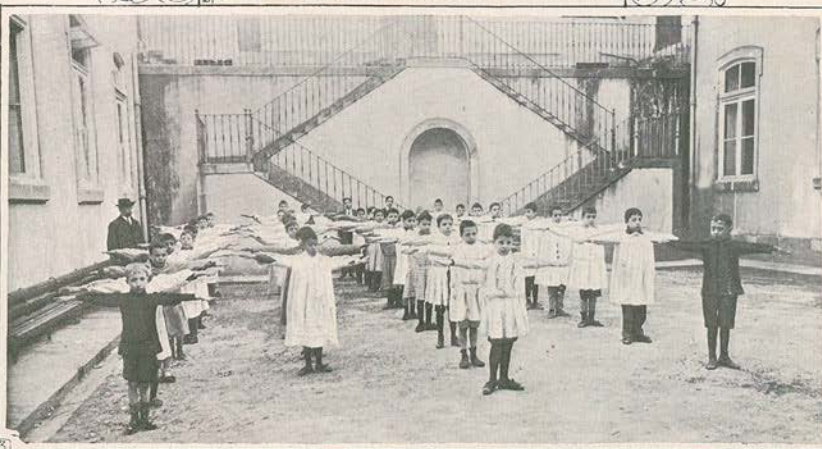


O recreio dos alunos



trução moderna, com largas e arejadas salas, extensos e desafogados corredores, vestiarios e vastas dependencias ajardinadas, com terrenos para cultura, ginastica e jogos, funcionam as aulas do curso normal, de instrução primaria e a escola infantil, instalada recentemente.

Essa escola, frequentada já por vinte e tantas creanças, de 3 a 6 anos, organizada pelo sistema froebeliano, e dotada com todos os apetrechos indispensaveis para poder funcionar em todos os ramos do seu ensino, é realmente curiosissima e constitue, ao mesmo tempo, a demonstração cabal do que pôde a iniciativa particular secundando a ação do Estado, e um estímulo eloquente para que a emprezas identicas se abalancem aqueles que reconhecem que é pela instrução e pela educação das creanças que se pôde preparar o resurgimento, material e moral do povo portuguez.



2. No fim das aulas. Os alunos assistindo ao arriar da bandeira.—3. Gínastica sueca



Paisagem d'inverno—Marinha Grande.—(«Gliché» do sr. João de Magalhães Junior)

O CARNAVAL

O ovo de cinza, a filhós d'estopa, a seringa de tres litros cheia d'agua mal cheirosa, o José Augusto, a farinha atirada às mãos cheias... O Entrudo!... Ha que tempo isso foi!

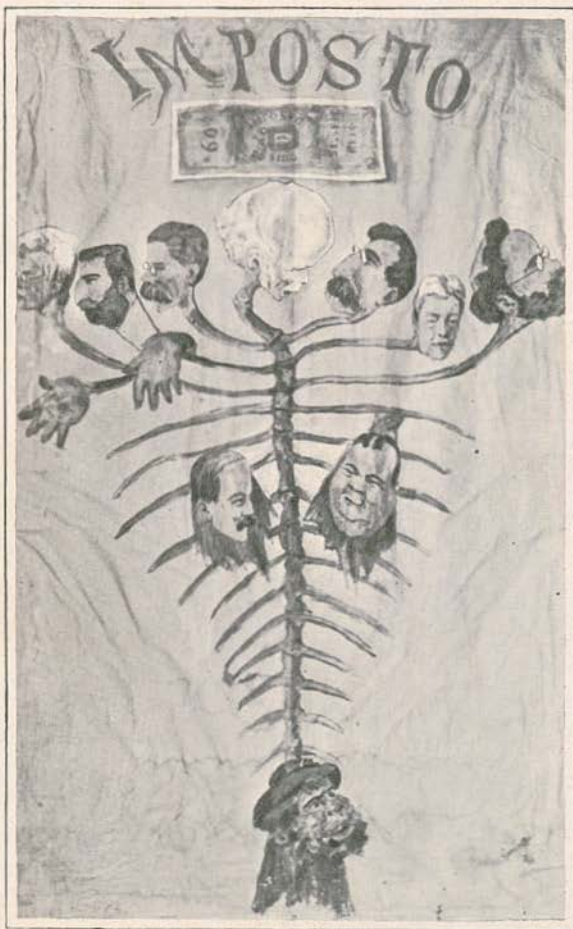
Desde que mudou o seu nome portuguez para Carnaval, á franceza, foi como se perdesse o cunho nacional. Sucedeu-lhe o mesmo que á nossa cosinha, aos perus succulentos recheados, ao peito de vitela com ovos verdes, ao galo com pardaes no papo dos manuaes culinarios do tempo de D. João V. Subtilizou-se. Aconteceu-lhe como á boa sopa portugueza de pão e d'hortaliça, passou a de senxabido puré.

As qualidades duma raça afirmam-se quando se expande livremente. O portuguez tinha a mão pesada mas era assim mesmo. Os editaes pretendem civilisal-o foram como uma sangria que o exgotasse. Gostava de brincar rijamente, desde que lh'o proibiram emudeceu como uma creança que quizesse saltar e a mandassem estar tranquilamente voltada para a parede. Amou. O Entrudo era alguma cousa. Uma cousa brutal talvez, violenta mesmo, perturbadora da ordem se querem, mas era uma epoca anormal. O Carnaval passou a ser uma festa anodina, sem graça, sem beleza. Perdeu o caracter como um samoiede a quem enfiassem uma casaca.

O que era um tumulto alegre passou a ser um cortejo regrado. O extranho prazer da folia pautou-se como uma instituição

O lisboeta ha anos ainda mal tinha

chegado o meado de janeiro já andava a pensar no entrudo. As senhoras imaginavam as partidas a fazer aos convidados para as grandes comezainas de domingo gordo e de terça feira d'entrudo, as materias extranhas a introduzir no menu e tambem na variedade de pratos apetitosos. Até



O Sudario do Enterro do Bacalhau: Alegoria politica do tempo do ministerio Braamcamp.—Trabalho de Rafael Bordalo que era apresentado pelo popular José Augusto. O original pertence ao distinto escritor sr. Cruz Magalhães, o mais importante colecionador das obras de Bordalo.

as velhas avós reeditavam a favor das netas casadoiras algumas das suas antigas proezas. Tiravam-se as vidraças com receio dos estragos nos vidros,

armazenavam-se desde o Natal as cascas dos ovos para arremeçar cheios de

dias. Lisboa era atroada dentro das suas portas por milhares de pessoas

cinza do fogareiro aos passeantes e aos visinhos defronte e as pessoas mais graves, mais circumspectas, tinham a sua partida para o Entrudo desde a carta a convocar namoradores d'ofício para entrevistas até á máscara d'arame sob a outra com que se tornavam impenetráveis. Chegavam os grandes



O rei Carnaval atravessando a Avenida no seu carro do triunfo

que vinham vêr o entrudo á capital. No Chiado atiravam-se ovos com peso, outras vezes os ovos autenticos; sacas de tremoços n'uma chuva continua despejavam-se sobre os transeuntes e os rapazes do Turf e do Tauromaquico, n'um vozear alegre, não davam treguas aos que se atreviam a fazer a tra-



Uma variante da dança da Bica ha dez anos.



vessia sob as suas janelas de folia.

Dia e noite Lisboa vibrava.

A certa altura nos jantares, via-se um conviva empalidecer ao puchar da boca, onde metera um sonho dourado, algumas fitas como um pantomimeiro de praça. Sob os olhares irónicos das senhoras metidas no *complot* havia quem sentisse a boca a ar-



der com a mala-gueta que se introduzira no doce de gila mas conservava-se a fleugma heroica de quem estivesse saboreando maná.

Depois eram as cadeiras que se iam abaixo das pernas, as campainhas tocando sem freguas, as portas pregadas, as senhoras empoadas como moleiras gentis e nas ruas um guisalhar sem descan-



1. Uma cégada exótica.—2. Os comandantes d'um batalhão carnavalesco.—3. Os Zês Pereiras que atordoaram Lisboa há meia duzia d'anos.

ço das par-
relhas dos ba-
tedores fa-

vagante. Era isto e Lisboa á
solta tres dias e tres noites.

Mas um dia um gru-
po cioso das boas nor-
mas e da ordem deli-
berou civilisar o
entrudo. Pegou-lhe defini-
tivamente o nome de Car-
naval. Foi a isso que Ra-
fael Bordalo n'uma pagina
celebre da *Parodia* cha-
mou: *Como nós queremos
transformar este gajo.*

Com effeito com algumas
lavagens, alguma pacien-
cia e uma falta de gosto
singular o entrudo entrou
na ordem como uma so-
ciedade anarquizada a que



mos levando meia cidade que ria, ati-
rava projeteis, folgava, gastava.

No meio das praças, ganhando dinheiro
para todo o ano, José Augusto, um tipo
popular, prégava do alto do seu carro o
grande sermão grotesco onde os politicos
eram acicatados com graça de que eles
propios se riam. E no fim colhida a esmola,
o pregador, abençoava os seus ouvintes
com um chifre espetado n'um pau.

Era isto um palido reflexo do Entrudo
lisboeta, turbulento, doido, folião, extra-



1. A cavaigada d'um conhecido mestre d'equitação.—2. Velhas de capote e lenço.—3. O velho batalhão d'Alfama.

se impõe um rei, como á Al-
bania por exemplo. O Car-
naval teve tambem o seu
rei, um individuo escanifrado que
durante dois anos atravessou as
ruas no topo d'um carro engalan-
nado puchado a tres parelhas por
entre o silencio grave das alas
que pareciam querer dar-lhe
uma lição. O silencio dos povos
é o castigo dos reis, disse alguem.
E jamais houve soberano com
menos entusiasmo em volta e ja-
mais houve menos folia. Nem pós,
nem cocotes, nem tremoços, nem
berros, nem clamores. Não se
partiu uma vidraça no Chiado.
D'ái por deante o Carnaval brincou-se



da d'honra a esse rei patu-
co, os mais singulares dos
batalhões que eram os d'Al-
fama, Campo d'Ourique e Ajuda
com os seus soldados empencha-
dos de nabos, com os seus officias
dragonados de pepinos, com os
seus generaes agulhetados de ce-
nouras. Quando o Carnaval se su-
miu esses lisboetas baïrristas que
tinham ridicularizado os velhos
batalhões do povo com a sua
caricatura grotesca desapareceram
tambem. Tornou-se tudo peor.
Surgiu sem a graça viva do José
Augusto a mascara mendigo can-
tando trovas tristes, fazendo pa-
diarias historicas e pedindo dez réis, de



com rebuçados de fava em galeras, auto-
moveis e carros enfeitados, Avenida aci-
ma, Chiado abai-
xo, brincou-se
na insipidez dos
bailes de mascaras
onde todos
procuravam ou-
tr'ora a aventura
como nos roman-
ces de Dumas,
pae; liquidou com
essa limpeza co-
mo uma institui-
ção que falha ao
seu programa.
Deram uma guar-

cara pintada, n'uma mendicidade que só
por si lança um veu estranhamente negro
sobre o Entrudo.
A mascara não
vae para a rua fol-
gar na maioria dos
casos. E' o que se
depreende com
sauidades dos ve-
lhos tempos e por
isso o Carnaval
hoje deve ter o
lema que a qua-
resma usava an-
tiguamente:
Pó terra, cinza
e nada.



FEVEREIRO

1. O classico salsa, trabalho de Rafael Bordalo.—2. O Carnaval ci-
villizado, pagina de Rafael Bordalo na Parodia.—3. O Carnaval po-
lítico, cédite do mez de fevereiro n'um almanaque, de Rafael
Bordalo.—Trabalhos pertencentes á coleção do distinto escritor
sr. Cruz Magalhães.

FIGURAS E FACTOS



1. A atriz Lucia Garcia, recitando as «Boas Tardes» da revista «Paz e União» em cena no Apolo.



2. O cartaz da revista «Paz e União» último trabalho executado em Portugal pelo distinto caricaturista Leal da Camara, atualmente em Paris, e que a policia mandou arrancar das paredes.



3. A atriz Lucia Garcia no papel de Ariadna da revista «Paz e União» em cena no Apolo.



A sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues, distinta cantora.

Com uma grande e distinta concorrência realizou se no Conservatorio a audição da sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues, talentosa discipula de madame Carolina Palhares, a ilustre professora de canto. Os rondós das operas «Sonambula» e «Lucia de Lamermoor» e a cena da loucura no «Hamlet» foram tres provas brilhantes que aquela eximia amadora prestou e os espétadores assim entenderam porque calosamente a aplaudiram.



Sr. dr. Eduardo Das Navarro, notario, falecido em Portel.



Aspétos da nova barbearia Saldó Central, uma das mais bem instaladas de Lisboa—(«Cliché» de Benoliel)

Casa Borges & Irmão

Ahi pelas alturas de 1880 abriu á rua do Bomjardim, torneando para Sá da Bandeira, um pequeno estabelecimento, de duas pequenas portas, negociando em cambios.

Eram seus proprietarios os srs. Francisco e Antonio Borges, até então empregados no conhecido cambista Antonio Inacio da Fonseca, de Lisboa, e que ali se tinham mantido até que esta casa veio abrir uma sucursal no Porto á feira de S. Bento.

A falencia inesperada d'esse estabelecimento levou os dois irmãos a estabelecerem-se no mesmo ramo de negocio que já então de sobejo conheciam.

Lançaram-se persistentemente ao traba-

E assim se foi alargando sempre até chegar ao que é hoje, sem duvida, uma das mais importantes casas do norte do paiz.

Começando a negociar em cambios pouco tardou que a casa Borges & Irmão procurasse novas esferas de ação para a sua actividade.

Assim se tornou um dos societarios da sociedade de revenda de tabaco em quatro distritos do norte do paiz, exclusivo revendedor de fosforos para o norte do Mondego, associando-se a muitas outras empresas todas elas prosperas. E' que a firma Borges & Irmão é já uma «mascotte» em negocio...



A casa Borges & Irmão, em Lisboa.

lho e reconhecendo em breve as suas excepcionaes facultades, o publico entrou de se afeiçoar á nova casa e ela foi gradualmente prosperando, n'um progresso metódico, que se acentuava dia a dia.

Entrou o novo estabelecimento a expandir-se naturalmente, pelas exigencias da sua clientela, e assim, de ano a ano, ou era uma parede que se derrubava, umas portas que se abriam, ou uma nova casa que se conquistava para mais instalações.

A questão dos vinhos não lhe foi tambem indifferente. Assim o atestam os seus armazens de Gaia que como adiante diremos, representa alguma coisa no commercio vinicola do norte de Portugal.

A casa Borges & Irmão que já ha tempo vinha tendo negocios bancarios em Lisboa abriu ahi uma sucursal, demasiado conhecida entre nós e, se bem que apenas com seis anos de existencia, já ha que procurar a fórma de ampliar as suas instala-

ções, bem pequenas, agora, para o movimento que ali afluê.

Apesar de tudo isto, que é muito, Borges & Irmão voltaram as suas vistas para o Brazil, com que mantinham já estreitas relações commerciaes.

N'esta orientação abriram uma sucursal no Rio de Janeiro, á rua da Alfandega, 24, a primeira casa particular, no genero, que existe no Brazil, pertencente a portuguezes, seguindo assim o exemplo de alguns negociantes estrangeiros que ali abriram as suas casas de cambio.

Referimo-nos, no inicio d'este artigo, ao facto de se dedicar tambem a casa Borges & Irmão ao commercio de vinhos. Assim, é, com effeito. Ha proximoamente vinte anos

a realidade excedeu muito a nossa espectativa.

Aqui trabalhadores que esvasiavam os enormes barris alinhados ao longo da adega. Além as mulheres que enchiam, rotulavam e rolhavam as centenas de garrafas que vimos espalhadas pelo solo. Os carpinteiros pregavam as caixas já então prontas para o embarque. O ilustre gerente, que muito amavelmente nos acompanhou, insiste connosco para que provemos os seus vinhos. E' o vinho verde do «Gatão», tão conhecido do nosso publico; o «Douro Lelo», excelente vinho de meza, tão fino e tão agradável que não são muitos os que se lhe assemelham, e, por fim, o «Rosa Douro», o genuino vinho do Porto tão jus-



Casa Borges & Irmão no Porto.

inciliaram as suas transações n'este genero de commercio. Procurando o mercado nacional acreditou as suas marcas de fôrma a assegurar-se dentro do paiz, de uma boa clientela. Dez anos depois, pouco mais ou menos, começou então procurar o os mercados externos até alcançar a situação de destaque que hoje tem.

Fomos, a convite dos seus proprietarios, visitar os armazens de Vila Nova de Gaia. As gravuras que publicamos dizem mais e melhor do que a nossa pena.

Quando ali entramos a azafama era formidavel. Em todas as secções se trabalhava com tanto ardor, o movimento era tão importante que, muito embora nos tivéssemos posto de sobreaviso sobre a importancia d'estas instalações,

tamente apreciado. Muitas outras marcas nos mostrou o nosso amavel «cicerone» e de todas ouvimos as mesmas referencias dos seus consumidores que são, indubitavelmente, os melhores e mais competentes juizes...

Todos estes vinhos tem a casa Borges & Irmão espalhado, além do continente, pelo Brazil, Africa, Belgica e Alemanha.

Por esta rapida e incompleta resenha se poderá apreciar a importancia que hoje tem na praça commercial portugueza a casa Borges & Irmão.

E' um exemplo frisante de quanto pouda a atividade inteligente e ordenada de dois homens que, de modestos empregados subiram á situação que hoje occupam no nosso paiz.

UM SALVADOR DA HUMANIDADE ENFERMA

Portugal 11 de Setembro de 1913

Off. mo L.º Sr. A. P. Trillot

Paris

Costo de receber sua estimada carta de 7 de este assim como minhas par-tidas que V.º me fez para dentro de uns dias.

Com respeito à minha doença, sinto-me muito melhor, já ando à minha vontade e não sinto uma pequena impureza na cabeça afim de que já não sinto as afecções que sentia, e mesmo a falta de ar já não é tão grande, vou firmemente em caminho de me estabelecer, graças ao seu canto remedio, que me vem salvar, encontro dias que me sentia desfalecer, via-me atônito com as afecções, hoje felicemente vou melhor, mas muito melhor, mais uma vez fez a V.º a prova de me mandar a receita de uns litros de vinho, que muito agradeço a V.º, nunca V.º abandonar-me também quer se o remedio que cá tenho que tomo minha hora antes de cada refeição se posso tomar ao mesmo tempo um que tomo o vinho com estas partidas que V.º me mandou.

Um outro assumpto me sublevo e me recomendo a V.º e queira V.º receber um apêndice abraço de um amigo que lhe deve a vida.

De V.º

M.º J.º W.º e C.º

João de Luz de Sousa

Apenas conhecidos em Portugal os maravilhosos resultados do tratamento do dr. Trillot, começou este a receber as mais eloquentes demonstrações de agradecimento de aqueles enfermos que fôram curados por ele.



Dr. Trillot

Possuo grande numero de testemunhos que não posso publicar no pequeno espaço de esta pagina. Publico sómente alguns; mas,

como não posso obrigar-os a uma correspondencia dispendiosa com o publico e a ocupar a maior parte do tempo em responder a essas cartas, rogo aos interessados que, quando escrevam aos meus clientes, lhes mandem papel, sobrescrito e estampilha para a resposta.

Se V. está enfermo, não importa de que gravidade, escreva ao dr. Trillot, explicando bem claramente a sua enfermidade e franqueando a sua carta com 10 centesimos, e ele na volta do correio lhe dirá se o póde curar e lhe mandará gratuitamente o livro

"O Gran Therapeuta da Natureza"

Escreva hoje mesmo, pois estas oportunidades não se apresentam sempre, ao

DR. TRILLOT

Rue des Mathurins, 47, Paris

FRANÇA

AUTOMOVEIS **Cottin &** **Desgouttes**



Notavel pela sua energia em rampa

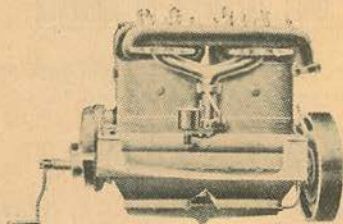
Admiravel pela sua simplicidade bem patente nas gravuras que damos do motor. Dispensa chauffeurs mecanicos, todos os orgãos principaes do motor são de um acesso facilimo para regular e desmontar.

A. BLACK & C.^A

GARAGE BLAK

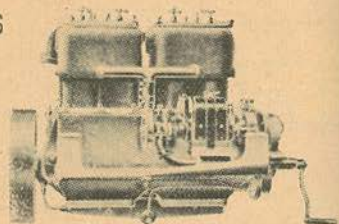
26, TRAVESSA DA GLORIA, 26

TELEFONE 3046



Motor lado das valvulas

LISBOA



Motor lado do magneto

Uma hernia curada

Sem operação

Cura maravilhosa do Sr. Dr. Pimental, de 76 annos, com uma hernia de trinta annos

A vantagem da perfeição na cura das hernias por mais difficeis e mais antigas que sejam, sem a menor difficuldade, não causando ao pacien e a mais pequena dor, nem perigo, assim como sem p rda de tempo nas occupaões diarias, e alcança da p lo methodo do Dr. W. S. Rice (S. 987), 9, Stocutt Street, Londres, E. C., Inglaterra. Com elle não ha precisão de laic-ta e o tratamento é o viado directam ate a casa dos pacientes, traz ndo com go immediato conforto, commodidade, e alivio.

O Sr. Dr. A. C. Pimental, o qual esteve herniado durante 31 annos, e experim ntou to as as fundas mais conhecidas, decidiu tratar-se pelo methodo de Rice ap zar da sua avança da idade (73 annos) resultando cu ar-se agora por completo, não fazendo uso algum de appar ho. Este sr. Dicez-nos «Estou perfectamente curado da hernia, d que vinha soffrendo desde trinta annos, não fazendo uso algum da minha funde e a hernia nunca mais voltou a apparecer. Não me e possivel encontrar a abertura da hernia o que prova que a cura está completa. Is o é verdadeiramente extraordinario e eu não encontro palavras com qu possa exprimir a minha admiração por uma tão maravilhosa des-oberia. Todos os fahicantes de fundas dizem que curam a hernia, mas eu que experimentei os mal conhecidos appar hos de todas as part s do mundo sei p rtiamente q e elles não curam. Estou convencido de que o unico meio digno d confiança para a cura da hernia sejam os cur s ou applicaões de marce, e eu mais orgulhoso de si proprio e eu afirmo que elle é o unico especialista d mundo que conseguiu descobrir o meio de curar para sempre a abertura herniaria.»

Que mais provas de convicção se dev m pedir, depois que uma personalid de medica se declara radicalmente curado e mostra que o verdadeiro meio para a cura da hernia está descoberto.



Sr. Antonio dos Santos

Entre outros que se curaram com o methodo de Dr. Rice estão Sr. Antonio dos Santos, Travessa de Froes, 21, 1.º, Santiaemo, o qual estava herniado ha já cerca de 6 annos (veja a biographia de herniaria p. 73 annos de idade, o sr. F. Ortega, calle Naba, Belmez P. de Cordoba, Hespanha, curado de uma hernia escrotal de 30 annos e o sr. F. Merino, R. de Tatyh n.º 7, Rio Grande do Sul, Brazil, herniado ha 33 annos.

E pois de maior conveniencia que as pessoas de ambos os sexos padecendo de hernia escrevam ao Dr. Rice pedindo uma copia do famoso livro, descrevendo detalhadamente o seu methodo de cura de todas as hernias por mais difficeis e graves que sejam. Junto será enviado gratuitamente uma amostra de seu methodo, pois que o seu maior desejo é que todo o paciente d esta terrivel doenca conheça o maravilhoso remedio que cura sem dor e sem perigo, sem operação nem perda de tempo de trabalho. Não esperem mais, escrevam immediatamente.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fort na saude, arte, amor, correspondid, ganhar aos jogos e lo erias, ped ndo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do conhecido YTALE, 35, Boulevard Bonne Noub Ile, 35 - PA 1.

Seda Suissa

de porte a domicilio franco
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blus e Bem como em veludos e peluchas, Pegam nas nossas amostras franco.
Schweizer & Co., Lucerne E 12 (Suissa)

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIRURMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA



MADAME BROUILLARD

O passado e o presente e o futuro, com veracidade e rapidez; é inc mparavel em vaticios, e lo estudo que fez das ciencias, quircencias, cronologia e fisiologia e pelas applicaões praticas das tecnicas de Gall, Lavater, Desbarrolles, Ambrose, d'Arpenique, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, nde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem precise a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe

reguram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Di consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lo-a. — LISBOA. Consultas a 1500 rs., 2500 e 5000 rs.

Companhia do Papel do Prado

SOCIED. DE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariariaia e Sobreirinho (Thomar), Peredo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), Insaladas para produção annual de se. s milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de imprensa e de embrulho. Toma e executa prontamente encom. das para fabricaões especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—Escritos, ios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Por-to, 117**

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000

Pneu liso:—Que rica ajuda que me dás, Rouge Ferré!

Rouge Ferré:—Eu gemo e tu ris, estás a vêr.

Pneu Continental

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES

Illustration Carman